Aufklärung
Revista de Filosofia
AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933
DOI: https://doi.org/10.18012/arf.v13i2.77933
Recebido: 15/05/2025 | Aceito: 30/09/2025
CC BY 4.0: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

Da encarnação à transcendência: o fenômeno da esperança na constituição e formação humana em Gabriel Marcel

From incarnation to transcendence: the phenomenon of hope in human constitution and formation according to Gabriel Marcel

Marcos Alexandre Alves[1]
Universidade Franciscana, Brasil

Resumo: O artigo examina o fenômeno da esperança em Gabriel Marcel, um pensador de grande relevância para a filosofia contemporânea, que ficou esquecido nas pesquisas acadêmicas, principalmente no Brasil, e que tem atraído, nos últimos anos, interesse por parte de um grupo significativo de pesquisadores, pincipalmente, a partir do início do século XXI. Nas obras deste filósofo, bem como de comentadores, buscaremos desenvolver um tema central no seu pensamento e, sobretudo, nas nossas vidas: o fenômeno da esperança. Será abortado nessa direção, a vida e obra de Gabriel Marcel a fim de compreender qual a influência desta na sua filosofia e apontar-se-á algumas noções gerais da filosofia da existência, buscando estabelecer um diálogo com alguns autores, tais como Kierkegaard, Heidegger e Sartre. Em seguida, será analisado um dos aspectos mais importantes da sua filosofia, a saber, a distinção feita entre o mistério e o problema, e as dimensões da existência humana: encarnação, itinerância e intersubjetividade. Por fim, investiga-se como se dá a constituição do fenômeno da esperança, e qual o seu papel na constituição e formação humana, que exigirá uma transcendência e culminará com a dimensão do amor.
Palavras-chave: Encarnação; Transcendência; Esperança; Formação humana; Amor

Abstract: This article examines the phenomenon of hope in Gabriel Marcel, a thinker of great relevance to contemporary philosophy, who has been forgotten in academic research, especially in Brazil, and who has attracted, in recent years, interest from a significant group of researchers, mainly since the beginning of the 21st century. In the works of this philosopher, as well as those of commentators, we will seek to develop a central theme in his thought and, above all, in our lives: the phenomenon of hope. To this end, we will examine the life and work of Gabriel Marcel in order to understand its influence on his philosophy and will point out some general notions of existential philosophy, seeking to establish a dialogue with authors such as Kierkegaard, Heidegger, and Sartre. Following this, we will analyze one of the most important aspects of his philosophy, namely, the distinction made between mystery and problem, and the dimensions of human existence: incarnation, itinerancy, and intersubjectivity. Finally, the study investigates how the phenomenon of hope is constituted, and what its role is in human constitution and formation, which will require transcendence and culminate in the dimension of love.
Keywords: Incarnation; Transcendence; Hope; Human formation; Love

1 Introdução

A realidade social se mostra em constantes mudanças e transformações, predominantemente marcada pelo egoísmo e tecnicismo, fundamentada

1 *Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE da Universidade Federal de Pelostas-UFPel. Mestre em filosofia - Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. Professor do Curso de Filosofia, do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática - Universidade Franciscana - UFN. E-mail: maralexalves@gmail.com*

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

em sistemas abstratos, que objetivam e reduzem a pessoa humana à uma simples função, número ou definição. Com isso, percebe-se uma contínua perda de sentido da vida, um vazio existencial, um fechamento em si mesmo, que toma a todos por um sentimento de desespero e desesperança. A partir desta constatação, pretende-se, a partir do pensamento de Gabriel Marcel, recolocar a questão e refletir sobre o fenômeno da esperança, tal qual ele aparece no mundo da vida contemporânea.

Intenciona-se, examinar a realidade concreta e a busca pelo sentido da existência humana, fazer um diagnóstico acerca dos principais problemas que circundam a existência humana, incentivar a pesquisa e retomar os estudos sobre o pensamento de Gabriel Marcel, importante fenomenólogo contemporâneo, e despertar o pensamento filosófico, em relação ao tema da esperança, que tem implicações para além do âmbito acadêmico, contribuindo para uma maior compreensão e reflexão que certamente repercutirão em outros campos do saber.

Partindo do contexto no qual Marcel está inserido, pretendemos esclarecer quais são as influências intelectuais que ele recebe e como se constitui o seu pensamento até o fenômeno da esperança. Nesta perspectiva, queremos trazer para o centro das discussões filosóficas, a esperança, buscando mostrar sua importância na vida concreta do ser humano, para que se possa superar e transformar o contexto atual de desesperança, em que vivemos. A saber, intenciona-se, examinar o contexto de busca pelo sentido da existência humana, fazer um diagnóstico acerca dos principais problemas que circundam a existência humana, incentivar a pesquisa e retomar os estudos sobre o pensamento de Gabriel Marcel, e despertar o pensamento filosófico, em relação ao tema da esperança, que tem implicações para além do âmbito acadêmico, contribuindo para uma maior compreensão e reflexão que certamente repercutirão em outros campos do saber.

A partir destas constatações e a leitura de Marcel, apresenta-se quatros dimensões da vida humana: a dimensão da encarnação (estar-no-mundo), a dimensão da itinerância (*homo viator*), a dimensão da intersubjetividade (estar-com-os-outros) e, por fim, a dimensão metafísica da esperança. Para dar conta da reflexão proposta, emprega-se uma fundamentação teórico-filosófica, cuja abordagem possui um caráter fenomenológico, inspirada na leitura da obra *Homo Viator* (2005) de Gabriel Marcel, bem como artigos e livros de comentadores deste importante intelectual francês. O presente artigo, centra-se, inicialmente, na compreensão da filosofia marceliana, a saber: na perspectiva do mistério e do problema; a questão da itinerância e da encarnação, ou seja, o ser que está no mundo [que é de carne e osso] e que é peregrino no mundo; e, por fim, sobre a intersubjetividade, isto é, a relação eu-tu. Posteriormente, examina-se a questão da transcendência como móbil para a compreensão da esperança e como se configura o fenômeno da esperança no processo de formação humana, bem como, a relação entre desespero e esperança e o papel do amor para a concretização de uma vida esperançosa.

Em Marcel, não é possível dissociar o seu pensamento de sua vida, isto porque procura explorar a ideia de uma participação ontológica mais profunda entre o homem e o mundo, que vai muito além da trivial relação entre sujeito e objeto. Isto é, entende que o esquema sujeito-objeto é insuficiente para abarcar o todo da realidade, porque o objeto analisado é o próprio sujeito que analisa e, portanto, não pode ser observado e definido, pois não se encontra fora do sujeito.

O estar no mundo, segundo Marcel, é a primeira experiência do homem e essa experiência nunca poderá ser plenamente definível, pois é um mistério. Deste

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

modo, o pensamento de Marcel pode ser visto como uma proposta de 'filosofia concreta', em que o transcendente aparece no centro das experiências humanas e a descoberta da condição encarnados conduz a uma participação no próprio ser. Aqui, percebe-se uma forte crítica ao idealismo e ao absolutismo. Declarava-se não favorável aos sistemas intelectualizados e determinados. Por isso, pode-se perguntar: qual a metodologia filosófica empregada por Gabriel Marcel?

Uma possível linha de aprofundamento desta questão, remete à premissa de que Marcel nunca perde o contato com o concreto vivido, e se aproxima, em muitos aspectos, do método fenomenológico, que torna possível uma ontologia da pessoa, pela sua relação essencial com o mundo através do corpo, com os outros através da comunicação interpessoal e com o transcendente, pela comunicação no amor. Neste sentido, pode-se constatar que a originalidade do pensamento de Marcel, reside no fato de que sua investigação fenomenológica se orienta, desde o primeiro momento, em elucidar a transcendência, partindo da radical problematização do existir concreto. O autor parte da realidade em que está imerso e procura desenvolver uma filosofia concreta, não uma filosofia objetiva, empírica, mas existencial; uma filosofia do pensamento pensante.

O filosofar de Marcel brota da concretude do aqui e agora, o qual conduz a descoberta da existência humana como encarnada e participantes do ser. Quando o existente humano toma consciência dessa realidade, encontra-se consigo mesmo, se reconhece em relação com outros seres e com o transcendente. Portanto, a filosofia concreta é a ponte entre a vida humana concreta e o pensamento reflexivo, que se abre à procura pelo sentido último da existência humana.

A partir da filosofia concreta pretende-se realizar, inicialmente, uma leitura e reflexão do pensamento de Marcel, sobre a perspectiva do mistério e do problema, e examinar a diferença entre estas duas visões; apresentar a existência como encarnação e itinerância, ou seja, o homem como ser encarnado no mundo e peregrino; descrever a existência intersubjetiva e a dimensão da participação e da relação do eu, tu e o outro. O exame destas categorias filosóficas ajuda a compreender de forma mais clara a essência da esperança, enquanto a disponibilidade da alma profundamente engajada em uma experiência de comunhão íntima para cumprir o ato que transcende a oposição entre querer e conhecer. A reflexão sobre a esperança, que se apresenta na vida concreta do homem, insere-se no seio da consciência da itinerância, inserta na tragicidade concreta do mundo, mas aberta à alteridade do tempo. A esperança não pode ser tratada como um problema, pois se insere no âmbito do mistério, isso equivale a dizer que ela é para a "alma o que a respiração é para o organismo vivo" (Marcel, 2005, p. 21).

A partir destas constatações, posteriormente, investiga-se como se configura, no pensamento de Marcel, o fenômeno da esperança, como possibilidade de formação humana e superação do vazio existencial. Para isso, analisa-se a transcendência como exigência para compreensão da esperança e a relação entre esperança e fé; examina-se como se configura o fenômeno da esperança e qual a diferença entre esperança, desejo e otimismo; analisar as relações entre desespero e esperança, e quais as possibilidades para a superação do desespero. Por fim, apresenta-se o amor como plenitude da esperança.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

2 Filosofia concreta: mistério, itinerância e existência intersubjetiva

Para se compreender a filosofia de Gabriel Marcel, faz-se necessário a análise das categorias do mistério e do problema. Na obra *Ser e Ter,* Marcel nos diz que há uma "distinção entre o misterioso e o problemático. O problema é algo que se encontra, que obstaculiza o caminho. Acha-se inteiramente diante de mim. Ao contrário, o mistério é algo em que me encontro comprometido" (1935, p. 145). Os problemas, nesse sentido, estão situados no âmbito do 'ter', da técnica, remetem àquilo que pode ser resolvido pela ciência. O problema está inteiramente diante e fora do sujeito e, por isso, pode ser objetivado e, através da investigação cientifica, desvelado, controlado e pensado pelos homens que analisam, testam e verificam. Por isso, aqui não há um engajamento entre o homem e a questão posta.

Por natureza, percebe-se que os problemas trazem consigo a possibilidade de serem totalmente solucionados. Para exemplificar o que são problemas: Em Marte tem ou não tem água? É possível um humano sobreviver em Marte? Estas questões referem-se a algo que está fora, ou seja, diante do "eu". Refere-se a objetos que podem ser investigados, analisados, verificados, quantas vezes forem necessárias até serem encontradas as respostas. Neste sentido, conforme Gidardi, "não há dúvida que o problema é algo com o qual me deparo, encontro por inteiro diante de mim e por isso mesmo pode esse algo ser circunscrito e reduzido (1978, p. 47).

No âmbito da problematização, procura-se soluções para todas as situações nas quais o existente humano se encontra, no entretanto, nem todas são passíveis de investigação científica, porque as questões existenciais não estão diante, mas no mais íntimo do eu engajado. Por isso, para Marcel, os problemas não conseguem abarcar toda a realidade, tais como aquelas que parecem as mais simples e ao mesmo tempo as mais misteriosas que existem, como por exemplo: nascimento, vida, morte.

> Parece, com efeito, que entre um problema e um mistério há uma diferença essencial: a de que um problema é algo com o qual me enfrento, algo que encontro por inteiro ante mim, que se pode cercar e reduzir, enquanto que um mistério é algo com o qual eu mesmo estou comprometido e que, em consequência, não é pensável senão como uma esfera na qual a distinção de em mim e ante mim perde seu significado e seu valor inicial. Enquanto um problema autêntico pode ser submetido a certa técnica apropriada em função da qual se define, um mistério transcende, por definição, toda técnica concebível (Marcel, 1935, p. 169).

Nesta mesma perspectiva, Marcel afirma que é necessário a renúncia ao racionalismo, o qual pretende reduzir tudo ao âmbito dos problemas, procurando por meio da investigação científica, apresentar soluções para o mistério que transcende toda e qualquer técnica. Marcel recomenda a renúncia "a ideia ingenuamente racionalista de um sistema de afirmação válido para o pensamento em geral, para a consciência, seja qual for. Tal pensamento é o tema do conhecimento científico, um tema que é uma ideia e nada mais que uma ideia" (1935, p. 174). Este clamor em prol da renúncia ao pensamento racionalista, consiste no fato de ele não consegue satisfazer os desejos e as ambições concretas

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

das pessoas.

A partir desta renúncia ao racionalismo, Marcel procura desenvolver uma filosofia da penetração lenta nos mistérios. Mistério que é o contrário daquilo que pode ser compreendido como um problema. O mistério, transcende o tempo e as categorias do pensamento, diferenciando-se do âmbito problemático. O mistério é, portanto, o "meta-problemático" (Marcel, 1935). Vale dizer, o que é tomado na dimensão de mistério são verdades que ultrapassam o eu, sem poder cercá-las, e simultaneamente delas se está certo de suas existências e nelas está compreendido. Por esta razão que a existência é mistério, enquanto inobjetiváveis e indubitáveis.

Concordamos que com os instrumentos e as técnicas certas podemos coletar as informações necessárias para solucionarmos o problema da existência de água em marte ou se lá é possível a vida humana. Contudo, a incerteza de uma mãe com seu filho em uma sala de cirurgia, o desespero que aumenta toda vez que encontra um enfermeiro ou um médico que não sabem informar o estado do seu filho, a esperança de que algo aconteça e seu filho seja salvo, são realidades que de modo algum podem ser tomadas de forma objetiva por sistemas filosóficos fechados ou abstratos. A operação pode ser um sucesso, o filho pode ser salvo, porém aquela experiência do desespero e da esperança se encontram para além do âmbito problemático, mas encontram-se no âmbito do mistério. Afinal, o que é esse mistério? Como reconhecê-lo? Marcel trata dessas questões na sua obra *Os Homens contra o Homem*, na qual afirma:

> Por oposição ao mundo do problemático que, como disse, está diante de mim, o mistério é alguma coisa a que estou ligado, não parcialmente por algum aspecto determinado e especializado, mas inteiramente. [...] O mistério faz desaparecer a fronteira entre o em-mim e o perante-mim, que há pouco podia ser recuado, mas sem deixar de reconstituir-se a cada momento da reflexão. Mas como é possível o reconhecimento do mistério? Só por meio de uma recuperação interior, que é o recolhimento. Por mim, não falarei aqui de intuição, porque não se trata de uma forma de contemplar; é antes uma concentração, uma restauração interior (2023, p. 81-82).

Percebe-se, que entre as questões que abarcam a realidade concreta da existência, as mais profundas não podem ser solucionadas e respondidas objetivamente. Ao contrário, elas vão se desvendando conforme as experiências existenciais, enquanto seres itinerantes no mundo, aqui e agora. Para isto, faz-se necessário recolhimento e concentração. Neste sentido, segundo Carmona, "a ciência busca explicações, o mistério, significações" (1988, p. 168), a saber, há problemas até que haja soluções. Havendo a solução, explicação, acaba o problema e os resultados podem ser divulgados, formulados. Já os mistérios não são passíveis de demonstração, logo não podem ser verificados, mas somente reconhecidos pelo existe humano concreto.

A filosofia de Marcel, vista a partir do seu contexto, conduz ao rompimento com a tradição idealista, pois o homem não existe como pura consciência. Só existe como ser encarnado, através do corpo (carne e osso). Em oposição ao idealismo, principalmente ao *cogito* cartesiano, o homem, como um ser encarnado, é colocado no centro da investigação metafísica, pois não pode ser plenamente compreendido por um sistema lógico e racional, mas a partir da sua dimensão existencial.

Percebe-se, assim, que para Marcel o 'corpo' é o limite entre a existência e a não-existência. Tudo o que existe, existe enquanto relacionadas ao corpo próprio. Neste sentido, no seu *Diário Metafisico*, Marcel escreveu três pontos essenciais sobre a existência:

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

> 1ª – Toda a existência constrói-se para mim, conforme o tipo e a prolongação do meu corpo.
>
> 2ª – Sem dar-me conta, introduzo na ideia do objeto existente aquilo que em meu corpo (enquanto meu) transcende a objetividade, o que não deriva de nenhuma dialética, mas antes a torna possível.
>
> 3ª – Portanto, entre mim e tudo que existe, há uma relação semelhante àquela que me une a meu corpo. E isto chamei mediação não-mediatizável (1957, p. 267).

Por conseguinte, parte-se do princípio de um ser encarnado, onde o pensamento objetivo encontra seu limite, pois a unidade entre o 'eu e o corpo próprio' é anterior ao conhecimento. A tomada de consciência da encarnação como centralidade da metafísica, conduz à percepção da finitude, que possibilita a transcendência e a abertura à alteridade.

> A encarnação – dado central da Metafísica. A encarnação, situação de um ser que aparece a si ligado a um corpo. Um dado não transparente a si mesmo: oposição ao *cogito*. Deste corpo não posso dizer que é meu corpo, nem que não é, nem que é para mim (objeto). A oposição entre sujeito e objeto é transcendida. Mas, ao contrário, se parto desta oposição tratada como fundamental, não haverá mais truque lógico para reunir esta experiência; inevitavelmente terá passado ou foi recusada, o que é a mesma coisa. Não se deve objetar que esta experiência apresenta um caráter contingente; na verdade toda a investigação metafísica requer um ponto de partida desse gênero. Só pode partir de uma situação que reflete sobre si mesma seu poder compreender-se. Examinar se a encarnação é um fato; não me parece que o seja. É um dado a partir do qual um fato é possível (o que não é verdade a partir do *cogito*). É uma situação fundamental que, a rigor, não pode ser dominada, rotulada e analisada. É precisamente esta impossibilidade que eu afirmo quando declaro, confusamente, que sou meu corpo, ou seja, que não posso conceber como um termo distinto do meu corpo, que se mostra numa relação determinável. Como já disse, no momento em que o corpo é tratado como objeto da ciência, eu me exilo no infinito (Marcel, 1957, p. 111).

Nota-se, desse modo, a inversão que Marcel realiza: o indubitável deixa de ser o '*cogito*' idealista e passa a ser a 'existência' concreta, aqui e agora. A encarnação passa a ser o dado central da metafísica, onde o homem é corpo, mas não é reduzido somente ao corpo. Neste sentido, o ser não é prisioneiro do corpo, nem este é cárcere do ser, antes, ambos formam uma unidade sólida e impossível de ser separada e degradada, logo ser encarnado é manifestar-se no mundo, é lançar-se em itinerância com o corpo.

O ser encarnado no mundo, lança-se como um peregrino, de tal forma que transcende a possibilidade de o corpo ser simplesmente um objeto, um instrumento, tornando-se um conjunto de sentimentos e impulsos que possibilita estabelecer uma relação com o mundo e com os outros. Para Zilles, ser encarnado

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

é manifestar-se como corpo, como este corpo, sem poder identificar-se totalmente com ele, sem tampouco separar-se dele, ou seja, "meu corpo é meu modo de ser no mundo. Há aqui um imediato, um irredutível, que não pode tornar-se objeto para mim. É só posso afirmar minha participação, que é minha presença no mundo, quando resisto à tentação de considerar-me uma essência abstrata" (Zilles, 1995, p. 44).

Deste modo, a partir da afirmação de que a "existência é indubitável", Marcel (1953), tematiza os aspectos existenciais e situacionais do homem, examina as mais diversas situações concretas da vida humana e estabelece, a partir delas, uma reflexão sobre o sentido da existência. Quando o existente humano se situa na realidade como ser concreto e finito, projeta-se e vislumbra os outros desta mesma forma, como pertencentes ao mesmo mistério da existência. Por isto, a existência é a negação de toda a objetividade, porém ela não é fechada. Aqui, a abertura ao 'outro' torna-se fundamental para que haja a ruptura com qualquer tentativa de objetivação, pois os existentes humanos comungam da mesma realidade. Existir, desta forma, é estar encarnado, que está e participa do mundo e vive em comunhão com os outros. Neste sentido, conforme Marcel, é *homo viator,* peregrino, que vai se constituindo a partir das suas experiências vividas concretamente no aqui e agora, pois "a partir da existência encarnada, o homem vai constituindo o seu ser, como projeto em busca de conscientização do projetado" (Becker, 2007, p. 42).

Ao contrário do pessimismo sartreano, que vê a liberdade do outro como uma ameaça a 'minha liberdade', Marcel defende que só é possível viver autenticamente a partir da abertura e relação com os outros, ou seja, na intersubjetividade e na participação de uma vida que está aberta e disponível ao outro. Assim, surgem os temas, tais como fidelidade, o amor, o engajamento, a esperança. De acordo com Azevedo:

> A partir do questionamento central da existência (*Quem sou eu?*) chega-se a sua ideia original e pétrea: sou existência encarnada (*Encarnação*). Essa existência encarnada, feita carne e corpo, participa do mistério do ser (*Ontologia*) e encontra maneira de viver o ser (*Participação*). Na vivência ontológica encarnada do ser – por meio da participação, que se revela em posturas de recolhimento, fidelidade, amor, fé, compromisso, engajamento e esperança – percebemos o outro não como coisa, objeto ou ente em terceira pessoa (*ele*), mas como um outro em segunda pessoa (*tu*); na percepção de que o outro é a possibilidade de autorrevelação, chega-se, necessariamente, à questão do totalmente Outro, do transcendente (*Existência e Transcendência*) (2010, p. 111).

Percebe-se, assim, que o existente humano é um *homo viator*, está em constante movimento, que o constitui como peregrino, que vai se realizando enquanto existente e vivendo concretamente no mundo e na história. E, por ser corpo, o existente está em constante relação com o 'outro', cuja abertura se torna fundamental para que o 'eu' forme comunidade. A peregrinação torna-se assim um modo de vida, uma maneira de lidar com os problemas da vida, aqueles que apresentam o outro, esperança, família, imortalidade, valores, salvação, dimensão espiritual e as diferentes reflexões filosóficas do momento, como as de Sartre ou Proust. Como todo peregrino, para Alcorlo, " a certeza de um objetivo não facilita o caminho, em vez disso, faz com que ele seja especialmente sério com as

perguntas que o acompanham, com análises detalhadas e minuciosas da questão, e radicalmente audaciosa na espera de respostas" (2005, p. 12).

O ser encarnado, portanto, manifesta-se no mundo e aí lança-se como um peregrino, em itinerância. O peregrino não se encontra fora do mundo, mas imerso nele e sempre a caminho. Reconhecer esta condição, permite afirmar que estar-no-mundo, coloco o existente humano como passageiro, presença concreta e viva, que participa do mundo e também da vida dos outros.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

Nesta perspectiva, na leitura de Zilles, "o homem, sendo corpo, não é apenas *est mas ad-est*. Vive relacionado, em comunhão com outros. A verdadeira comunhão pode dar-se no encontro com seres dotados de interioridade" (1995, p. 66). Depreende-se dessa leitura, que o peregrino também é uma 'co-presença', pois não percorre o caminho solitário, mas com outras presenças. Percebe-se que o homem não nasce pronto, mas vai construindo-se e realizando-se frente às possibilidades e às experiências cotidianas.

Portanto, o peregrino percorre o caminho sempre vislumbrando um objetivo em que tem presente um horizonte de sentido, por isto, não se pode confundi-lo com um andarilho, que caminha solitário e sem rumo. A saber, o peregrino caminha engajado; enquanto o andarilho caminha inseguro e angustiado, o peregrino caminha com esperança. O verdadeiro sentido da peregrinação consiste em perceber que, ao final do percurso existencial, algo acrescentou à vida daqueles com os quais conviveu e que não foi simplesmente um viver em vão e sem sentido.

A existência humana, encarnada, se realiza sempre em uma coexistência, na intersubjetividade (Carvalho, 2017). O existe encarnado que se lança como um peregrino, não é somente uma presença, mas uma 'co-presença' que está em constante relação e comunhão com outros homens concretos, de carne e osso, e não com ideias abstratas. Isto porque a "experiência primeira e mais provável, a corporeidade, é o fato fundamental ontológico. A encarnação se torna, desde então, a mediação entre o eu e o mundo com os outros. Mas quem é o outro? Para Peretti, Azevedo e Fernandes "o outro é espessura do mistério, a encarnação do ser. Jamais um inferno, como afirmava Sartre, mas prolongamento de mim mesmo. Ele é a expressão mais carnal de comunhão, o êxodo do solipsismo, o encontro de liberdade, o caminho ontológico (2016, p. 188).

Segundo Marcel, o 'eu' aparece como uma presença global e inexplicável, que é sempre insinuada por uma experiência, às vezes irredutível e confusa, que é o sentimento mesmo de existir, de estar no mundo. Essa presença não pode ser compreendida objetivamente, pois ela escapa do verificável e isso possibilita a comunhão com outros existentes. Na guerra, Marcel foi encarregado da pesquisa acerca do destino de soldados desaparecidos, defrontando-se diariamente, com mães, noivas, enfim, com pessoas, que viviam apreensivas e angustiadas, que sofriam. O encontro com a morte, sob múltiplas formas, o levou a experiência da transcendência. Ou seja, Marcel experimentou o que transcende os dados objetivos do registro, em fichários, "o que só é acessível no silêncio, o que só se revela na relação pessoal de homem a homem. Descobriu que, para além da objetividade, a pessoa pode tornar-se presença. Tal realidade não se pode constatar de fora. A presença não se deve pensar como objeto (Zilles, 1995, p. 66).

Esta realidade vivenciada pelo pensando francês, levou-o a uma reflexão na qual se fazia necessária uma transição do 'ele' para um 'tu', além da objetivação, uma abertura, pois "o outro enquanto outro não existe para mim senão na medida

em que eu estou aberto a ele (ele é um tu)" (Marcel, 1935, p. 155). Chamar de tu é comungar, tratá-lo na intimidade, dar espaço para que ele se manifeste, até mesmo no silêncio. Assim, não há redução do outro a objeto, mas reconhecimento como um outro existente humano. Nestes termos, afirma Zilles:

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

> Considero ser, ao qual me dirijo na segunda pessoa, capaz de responder-me, ainda que seja num silêncio compreensivo. Este ser só se esclarece e se me torna presente por determinado ato de comunhão e de união. Tal presença torna-me clara na experiência concreta com o outro. O outro só existe como outro, quando estou aberto para ele, quando não o reduzo a uma ideia dentro de mim. Quando se estabelece uma comunicação entre nós, passamos de uma esfera à outra. [...] A transcendência assume o aspecto de amor. Supera-se a categoria do simples dado. A transição do *ele* para o *tu* constituiu um passo fundamental de existência na esfera do amor. Nela há valor ontológico que expressa o pessoal do homem (1995, p. 68).

A relação eu-tu é sempre e essencialmente uma experiencia de encontro e participação. O 'eu' só pode se compreender a partir do tu, somente se "afirma como pessoa na medida em que acredita na existência dos outros" (Marcel, 2005, p. 34). A referência ao outro com um tu, não capta a ideia de que ele é um outro igual a mim, mas trata-se de uma postura de acolhimento do outro como pessoa, não como uma abstração, mas como um totalmente outro.

A presença é manifestada, portanto, imediatamente por meio da corporeidade, de um sorriso e um olhar. O 'tu', é, portanto, alguém que me está presente, que responde ao meu apelo. No encontro, a presença do outro se dá de maneira imediata. Não capto a ideia dele, mas a sua própria pessoa, que se revela em resposta pessoal. Contudo, há que se ter o cuidado para que o 'eu' não trate o 'tu' como algo externo a si próprio, pois, desta forma, pode-se reduzi-lo a um 'ele', e quando isso ocorre, o 'tu' deixa de ser tratado como uma segunda pessoa, e passa-se a tratá-lo como um terceiro que escapa da relação e que possibilita a sua objetificação. Desta maneira, conforme Marcel, quando:

> Trato o outro como ele reduzo-o a uma natureza, um objeto animado que funciona desta e não daquela outra maneira. Ao contrário, tratando o outro como um tu, animado que funciona de tal modo e não de outro. Pelo contrário, ao tratar o outro como tu, trato-o e compreendo-o como liberdade, compreendo-o como liberdade porque é também liberdade e não somente natureza. Mais ainda: ajudo-lhe em certa maneira a ser livre, colaboro com sua liberdade – fórmula que parece excessivamente paradoxal e contraditória, porém, que o amor não cessa de verificar (1935, p. 154).

Tratar o outro com um 'tu' é tratá-lo como liberdade. Desta forma, quando o 'eu' desta liberdade, é 'co-presença'. Percebe-se que o 'tu' pertence ao campo do 'ser' e não ao 'ter'. Por isso é essencial uma abertura do 'ser', pois "o ser disponível se opõe àquele que está ocupado e saturado a si mesmo" (Marcel, 2005, p. 36). Nota-se, ao tratar do tema da liberdade, o esforço de Marcel em construir uma meditação fundamentada na participação.

A partir de sua concepção do ser e do nada, Sartre construía uma filosofia da liberdade que tornava dificílima a determinação das relações com outrem, senão como relações de hostilidade entre liberdades insulares e, por isso, *o inferno é o outro.* Marcel, em vez de partir da liberdade para se esforçar por se relacionar

com outrem, procura de início realizar a comunicação com outrem e, com isso, a participação no ser, para situar a liberdade no interior desta participação, como um de seus momentos, ou seja, a liberdade é fruto da participação encarnada (Carvalho, 2017).

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

Uma chave para a compreensão do tema da intersubjetividade, no pensamento marceliano, é a dimensão do amor. No amor, o outro é tratado pelo 'eu' como liberdade e o que caracteriza essa relação amorosa não é a procura pela disposição do outro, nem um olhar para objetificar, utilizar e servir-se do outro, muito menos de busca por certas qualidades ou perfeições no amado, pois o outro aqui aparece como um tu e não pertence ao 'ter', mas sim ao 'ser'. Desta forma, a intersubjetividade, na leitura de Urbano Zilles, envolve o próprio sujeito em relação com os outros.

> Este ser-com encontramo-lo na vida familiar, como "ser em casa" na relação com os objetos que o rodeiam. Desta maneira, forma-se uma unidade, na qual o outro e eu formamos o nós. O outro deixa de ser um ele, para tornar-se um tu. Participamos, mutuamente, um do outro. Abre-se, aqui, o caminho que conduz da dialética para o amor. O ser, que amo, não é mais um terceiro para mim. Só o tu possibilita descobrir-me a mim mesmo. Quanto mais eu amar uma pessoa, mais participo em sua vida (1995, p. 69).

Nesta perspectiva, o existente humano está em constante relação, e as experiências de proximidade com os outros são marcadas pelo mistério, e exigem uma abertura, pois o verdadeiro amor não pode ser objetivado, pensado, sistematizado, mas apenas vivido. Amar o próximo é presença como absoluta disponibilidade, como doação absoluta de si mesmo. O amor orienta-se para o eterno. Amar alguém é dizer-lhe: "tu não morrerás" (Marcel, 1953, p. 329). Por isto, é possível compreender que, às vezes, aquelas pessoas que estão próximas, podem estar mais distantes do aquele ser querido que está distante, ou até mesmo tenha morrido.

3 Fenomenologia e metafísica da esperança: transcendência e amor

No pensamento de Marcel a questão da transcendência tem um papel fundamental. Porém, cabe lembrar que, a afirmação da transcendência não significa a negação da presente vida ou dos valores terrestres. Pelo contrário, faz questão de frisar que uma mentalidade exclusivamente horizontalista traz consigo o desespero e a destruição da própria vida humana.

Na obra *O Mistério do Ser*, Marcel (1953) defende que a transcendência se apresenta e se manifesta, antes de mais nada, como uma insatisfação, ou seja, como uma insuficiência do eu, que permite ao homem ver a incapacidade, o limite, a força e a culpa que caracteriza o ser: é a resposta espiritual dada ao limite do poder humano (Carvalho, 2017). Desde modo, a exigência da transcendência, que está situada na vida concreta, sinaliza e conduz para uma dimensão espiritual/religiosa da própria existência humana. Neste sentido, para compreender a transcendência é necessário "reparar em experiências tão simples como aquelas atitudes humanas que se correspondem com emoções opostas" (Marcel, 1953, p.

48). Nota-se que a esperança exige inevitavelmente uma transcendência total da realidade imediata, do mundo materialista centrada na técnica e na ciência. Sem essa dimensão transcendente não é possível compreende a concepção marceliana de esperança.

A categoria da transcendência, em Marcel, é tomada como sinônimo do "Tu" absoluto. Somente a abertura a essa transcendência, é capaz de preencher o vazio existencial, criado sobretudo pelo exercício demasiado da razão. Ter esperança é uma abertura a além do eu, do egoísmo, que possibilita ir ao encontro do outro, que poderá ser inclusive o "Tu" absoluto. De acordo com Carvalho, a esperança é exatamente a disponibilidade de uma alma em sua abertura à novidade;

> é o reconhecimento de que sozinho não posso superar minhas limitações e os caminhos que me levam a errar, pois seria eu isolado de tudo e unido somente à minha consciência, enquanto que o eu que espera é uma afirmação que supera o querer e o conhecer afirmando a experiência do relacionamento como fonte da própria capacidade de não desesperar (2018, p. 5).

A esperança, segundo Marcel, tende a transcender irrevogavelmente os objetos particulares aos quais parece estar vinculado. Cabe ressaltar que a esperança não se dá num tempo fechado, mas através da disponibilidade de uma abertura da alma, que nos remete ao transcendente, para além do problema do 'ter'. A afirmação da transcendência, em Gabriel Marcel (2005), surge do interior da própria temporalidade humana. Permanecendo fiel a este mundo e à história dos homens, ele vê na transcendência a única possibilidade para uma autêntica esperança.

Nesta perspectiva, a esperança parte essencialmente das experiências concretas da vida humana, mas que as transcende. Por exemplo as experiências de cativeiro, de prova ou da aposta, revelam que "quanto menos a vida é experimentada como um cativeiro, a alma será menos capaz de ver essa luz misteriosa e oculta, que - já os sentimentos antes de qualquer análise - está no lar da esperança" (Marcel, 2005, p. 44). Aqui, percebe-se que a análise de Marcel não admite que a vida naufrague na contingência e no desespero, mas como abertura ao 'Tu' absoluto, no qual se centra todo e qualquer horizonte de sentido para a existência humana. Com isto, para Carvalho, em Marcel, a esperança "não depende de um eu isolado, visto que vem da relação, ela será sempre espera no que não se vê, na abertura à novidade" (2018, p. 40).

O 'Tu' absoluto, para Marcel, é o fundamento único para uma esperança absoluta. Somente assim o *homo viator,* itinerante pode caminhar com segurança e orientar-se para o sentido da existência. Mesmo que a esperança se apoie nas experiências humanas concretas, ela não tem consistência se não se fundamentar no 'Tu' absoluto, enquanto garantia de chegada ao horizonte de sentido projetado.

Marcel (2005), em uma das suas conferências, intitulada de *Esbozo de una fenomenologia y uma metafísica de la esperanza*, publicada na obra *Homo Viator*, procura realizar uma 'purificação' do termo esperança, e analisar como o fenômeno da esperança se apresenta e se manifesta na vida concreta da pessoa. Nessa perspectiva, a esperança é tomada como um mistério que envolve o 'eu' e, não é algo exterior. Marcel inicia a conferência elucidando o que não é a

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

esperança, e como o sentido de esperança perdeu o seu verdadeiro significado, confundindo-se, muitas vezes, com um otimismo, um desejo pessoal e egocêntrico. Logo, faz-se necessário uma espécie de 'purificação', por meio de uma análise fenomenológica e metafísica, das experiências concretas e existenciais, daquilo que o 'eu' espera. Esta experiência do 'eu espero', para Marcel, está intimamente ligada ao 'eu' creio, ou seja, fundamentada na fé.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

> Em um estudo, como o empreendido aqui, não poderia partir de uma definição cujo conteúdo se aplicaria não a explicar progressivamente, mas apelar a certa experiência que se faz necessária supor presente aquele a quem se dirige. Esta experiência do 'eu espero', é como a experiência fundamental da fé, do 'eu creio' (Marcel, 2005, p. 41).

Nota-se que, na filosofia marceliana, as experiências de fé e esperança são semelhantes, pois o 'eu espero', "considerada sua força, é orientada para uma salvação. Trata-se realmente de sair da escuridão em que o eu está submerso, e isso pode ser a escuridão da doença, da separação, do exílio, da escravidão" (Marcel, 2005, p. 42). Deve-se considerar que a esperança se situa no âmbito da prova, à qual não só corresponde, mas é uma verdadeira resposta do ser. Conforme Carvalho, a esperança desperta o existente humano e proporciona a ele o desenvolvimento da capacidade de se superar a si mesmo, e de se

> reconhecer na dependência de algo que o complete verdadeiramente, pois a própria superação de si revela algo que não pode alcançar sozinho, mas precisa ser auxiliado por uma graça. Marcel vê uma possibilidade de o homem ir além de suas manifestações sensíveis. Seria possível responder a este problema a partir das observações das experiências existenciais fundamentais, que seria: a fidelidade, a esperança e o amor (2018, p. 10).

Para que a esperança seja realmente autêntica, é necessário que se reconheça a fragilidade humana e a impotência, pois a esperança se dá na experiência de exílio e de cativeiro. A originalidade da esperança, segundo Marcel, está na dignidade soberana de não reivindicar direitos sobre si:

> A esperança apresenta a originalidade, e acrescentaria, a dignidade soberana de não reivindicar, de não se arrogar de direitos. Torna-se possível evocar aqui, por analogia, a situação de um ser que espera um benefício, uma graça de outro ser, porém somente a liberdade deste, sendo o primeiro a proclamar que esse dom solicitado é uma graça, quer dizer, precisamente o contrário de uma obrigação por cumprir (Marcel, 2005, p. 67).

Esperar, segundo Marcel (2005), é viver em esperança, de forma incondicional e absoluta. A esperança se manifesta como um mistério, uma maravilha, um o raio de luz, que no meio das trevas da nossa existência, aparece para salvar-nos do desespero. A esperança, é algo que se concebe como um dom, uma graça. A partir de uma análise fenomenológica, a esperança se manifesta concretamente nas experiências humanas, cujo peregrino busca uma vida com sentido (Lévinas, 1997). Deste modo, a esperança dá um novo olhar para a vida

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

humana.

Na abordagem acerca da esperança, torna-se imprescindível a distinção entre a categoria da esperança, com relação ao desejo e o otimismo. Marcel, na obra *O Mistério do Ser*, enfatiza que a esperança se opõe ao desejo, pois "o desejo e a esperança situam-se em regiões muito distintas na vida" (1953, p. 333). Neste sentido, esperar não é essencialmente esperar que, desejar é sempre desejar algo; porém, esperar é esperar em. Os desejos estão relacionados à dimensão dos problemas, que pertencem à ordem do ter, pois todo o desejo é egocêntrico e busca uma satisfação que tem de ser realizada em âmbito particular. Logo, o desejo está ligado a uma expectativa, a uma necessidade mundana; enquanto que a esperança, está situada em uma dimensão infra-humana e espiritual. A esperança está para além da lógica do ter. Não é expectante, mas uma virtude que, tal como a fé, só se realiza na perspectiva do ser. Por isto, não se pode confundir a esperança com o desejo. Ora, cabe uma questão: o desejar, não é também uma forma de esperar?

Com certeza, porém, o desejar pode ser surpreendido por não acontecer aquilo que era esperado. Nesse sentido, Marcel, apresenta o seguinte exemplo: "espero que Jacques chegue pela manhã e não depois do meio-dia" (2005, p. 41). Aqui, há um certo desejo, uma crença. Pode-se ainda pensar a ambição como um exemplo de desejo, pois o ambicioso quer sempre mais aumentar e proteger o ter, que podem ser o poder, as riquezas e as honrarias, bem como aspirações pessoais tais como o sucesso. Percebe-se que todo desejo busca uma satisfação determinada, por isso para Carvalho, o desejo é como se fosse um esperar. Porém, já há certa consciência do que pode ou não acontecer, diferentemente da esperança, que é exatamente esta confiança na transcendência, este projetar a vida além de suas capacidades e de se deixar guiar por ela, pela novidade que a envolve (2018, p. 29).

O desejo, nesta ótica, reside no âmbito do ter, dos problemas, pois se move na busca pela satisfação das expectativas comuns e mundanas que busca a realização do desiderato. Deste modo, os desejos se apresentam de forma impaciente, querem tudo no imediato, não tolerando esperar, ao passo que a esperança é paciente e, está no âmbito do ser, do mistério, cuja confiança reside na transcendência. Segundo Marcel, "a esperança depende apenas, pode-se dizer, de uma jurisdição metafísica particular com a condição de transcender o desejo, isto é, de não permanecer centrado no próprio sujeito (2005, p. 78). Portanto, a esperança transcende o desejo: porque não se especifica nem determina; a esperança não se formula num 'esperar que...', consiste, antes, num 'esperar em...', permanecendo suspensa e aberta na novos horizontes de possibilidade, por isso erige-se no 'incondicionado'. A esperança se manifesta sempre em situações existenciais de sofrimento, drama, dor, angústia, incerteza. Porém, não se pode querer "coisificar a esperança, torná-la algo distante da experiência mais cotidiana possível" (Azevedo, 2013, p. 5).

Nesta mesma perspectiva, faz-se necessário distinguir a esperança do otimismo. Segundo Marcel, "o otimista não hesita em extrapolar as conclusões" (2005, p. 46) e deposita toda a sua confiança em si mesmo, ele crê ter a solução para todos os problemas; expressa autossuficiência, crê ter o monopólio da verdade e se comporta sempre como um espectador e não como um participante. Otimismo é, desta forma, a expectativa de que o tempo, as relações humanas, a economia, as situações políticas, entre tantas coisas, ficarão melhores. Contudo,

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

a pessoa otimista, comporta-se sempre como um espectador, vê as coisas de fora e não como participante engajado. Ele tem uma firme convicção que tudo dará certo, mas as suas razões para esperar são exteriores ao ser, baseando-se na técnica e na ciência, "eles se baseiam apenas em considerações empíricas" (Marcel, 2005, p. 46).

O otimista fala de mudanças concretas no futuro, sempre atuando como um observador distante, superficial e periférico dos fatos. Ao contrário, segundo Azevedo, ao afirmar "eu espero, não fazemos uma afirmação periférica, mas mergulhamos em nossas próprias estruturas e encontramos ali a profundidade de nosso próprio eu e suas estruturas constitutivas" (2013, p. 6). O ser que espera está envolvido, engajado com a realidade e não é um mero espectador/observador. A esperança é muito mais ampla e transcendente, enquanto o otimismo é restrito e às vezes decepcionante.

De fato, quem adota uma atitude de observador, considera a esperança como um fenômeno exterior e se pergunta pelas condições em que tal fenômeno pode se realizar. Pensar assim, significa suprimir a esperança. Portanto, segundo Marcel, a esperança se manifesta em nossas vidas "como mistério e não como problema" (2005, p. 47), está intimamente ligado ao transcendente, ao meta-problemático. Ao contrário, o desejo e otimismo situam-se no âmbito dos problemas e colocam sua segurança na ciência e na técnica. Caminha, por isso, na perspectiva do desespero e não da esperança, pois tudo se deteriora, quando se coloca uma confiança exagerada no poder das técnicas.

Após distinguirmos a esperança do desejo e do otimismo, faz-se necessário também analisarmos qual a relação e diferença entre o desespero e a esperança. Conforme a leitura de Carvalho, o limite existencial muitas vezes revela uma "possibilidade de algo que pode ou não acontecer e causa em muitos o desespero, dado que é neste momento concreto em que o homem se sente impossibilitado de prosseguir" (2018, p. 26).

Desde modo, notamos que as vivências concretas da nossa existência, principalmente aquelas que podemos definir como 'limites', tais como a guerra, a doença, o exílio, a morte etc., geram muitas incertezas que podem fazer o homem desesperar-se, se a vida dele estiver centrada no âmbito do problemático, da técnica do ter, e não no âmbito do mistério. Cabe ressaltar que o desespero é uma possibilidade de todos os homens, independente de quem for, do seu nível econômico, intelectual ou social.

Marcel (1953) leva-nos a percebermos que estamos imersos numa realidade que constantemente e sutilmente nos convida a nos desesperarmos, há na nossa constituição humana uma inclinação, uma tentação natural a abandonar-se e desesperar-se, principalmente em situações de provas e de limites. Nestas situações, a "desesperança encoraja a capitulação, a negação para continuar. Desesperança que às vezes é fascinante e petrifica as tentativas de andar e, portanto, ameaça o ser caminhante" (Sanabria, 1997, p. 155). Nesta mesma perspectiva, Marcel enfatiza que, deve-se "recordar com maior ênfase, para não cair em uma cegueira que, se não é covardia, que as possibilidades de desesperação nos rodeiam por todas as partes; diria, inclusive, que se elevam em nosso caminho como a vegetação luxuriante e maléfica de uma floresta encantada" (1953, p. 325).

A esperança é, conseguintemente, a força que capacita o homem a resistir ao desespero. Como ressalta Beato, a "esperança nasce sempre no interior do conflito, do drama, do sofrimento, da provação e da angústia e onde, precisamente

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

o impulso desiderativo parece definhar no sorvedouro do desespero" (2015, p. 230). Ela se apresenta como uma reação a todo e qualquer tipo de desespero. Para isso, segundo Marcel (2025), a esperança se apresenta como um abandonar-se com absoluta confiança, que transcende toda desesperação possível, pois se orienta em direção à salvação. O desesperar-se acontece em grande medida ao passo que se colocam condições e limites na esperança. Por exemplo, quando estabeleço um prazo para me curar de uma doença. Se não me curo até determinada data, fico decepcionado e sem demora, desespero-me. Para Marcel, tudo nos prepara, então, para reconhecer que o "desespero é a consciência do tempo fechada, ou mais exatamente ainda, do tempo como uma prisão, enquanto a esperança é apresentada como capturada através do tempo; tudo acontece como se o tempo, em vez de ser fechado na consciência, deixasse passar algo através dele" (2005, p. 65).

Desesperar-se é, portanto, fechar-se, consumir-se em uma árida solidão, pois é incapaz de viver a realidade, não tem perspectiva de futuro, e não vê uma saída para a sua situação. Neste sentido o tempo está fechado para o homem sem esperança, o futuro é um vazio. No desespero, o homem encontra a sua impotência do ser, mas através da esperança, é possível o homem verificar o inverificável, "a esperança nos abre ao tempo" (Carmona, 1988, p. 224). Portanto, esperar é crer no invisível, transcender o desejo, passar do eu espero que, para um eu espero absoluto. A esperança é fundamentalmente um mistério, quem espera insere-se num contexto de comunhão e, em última análise, de amor. Esperar não é esperar somente para si, mas difundir tal esperança.

Notamos que na base da esperança, há uma situação, uma consciência que nos convida a desesperar, sendo que as condições que possibilitam a esperança coincidem muitas vezes com aquelas do desespero. A esperança, neste sentido, se apresenta como uma "luta ativa contra o desespero – desespero ante a doença, a separação, o exílio, a servidão, mas também ante a clausura, o tédio e a degradação da vida quotidiana. Quem espera, se encontra interiormente ativo. Deste modo, devemos cuidar para que a esperança não seja vista como simples aceitação passiva dos acontecimentos, pois, na verdade, ela "supera infinitamente a aceitação" (Marcel, 2005, p. 50).

Desesperar-se é admitir que a vida não tem sentido, é o absurdo sartreano. Sem esperança a vida carece de sentido, a condição humana se empobrece. Na mesma perspectiva, Marcel diferencia o sacrifício e o suicídio ao afirmar que "não há e nem pode haver sacrifício sem esperança e um sacrifício que excluísse a esperança, seria um suicídio" (1935, p. 127-128). Logo, quem espera, tem a confiança de que algo de novo acontecerá, isto é, de que se encontrará a maneira de sair da sua prisão. O desesperado, que não vê saída para sua situação, insere-se numa repetição imobilizante, antecipa-se mesmo, consciente de que terá que viver, todos os dias, a prova, que, por último, termina por destruí-lo.

A esperança traz consigo uma confiança que é absoluta, uma certeza que há razões para viver, em meio ao desespero, as angústias e incertezas do mundo fundamentado na técnica e na ciência. Na leitura de Carvalho, a confiança "abre novas expectativas, novos horizontes que não se limitam a uma esperança terrena, mas a uma esperança que perdura, por que está confiada no Tu absoluto, que é o seu fundamento único" (2017, p. 227). A esperança, quando fundamentada no Tu absoluto, torna-se absoluta.

A esperança absoluta, fundamentada no Tu absoluto manifesta um forte

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

apelo para que façamos parte da humanidade, especialmente, dos homens de fé e esperança, que vivem no meio do grande bombardeio de pessimismo, desânimo e perda de valores que a sociedade atual experimenta por causa do avanço cientifico. Assim, é na esperança que o homem moderno engajado pode experimentar existencialmente o inverificável e a vida ganha sentido por meio do amor.

Gabriel Marcel, mesmo vivendo as mais diversas barbáries do seu tempo, sobretudo, as duas grandes guerras, acreditou no amor. Isso, sem dúvida, trouxe profundas consequências para toda a sua filosofia. Sem a afirmação do amor, certamente, seu pensamento não viria impregnado pela esperança. Nesta perspectiva, Marcel enfatiza que "não se pode abrir ao processo de esperança sem estabelecer ao mesmo tempo abertura de amor" (Marcel, 2005, p. 70).

O amor só poderá ser compreendido a partir da intersubjetividade, na abertura do ser, que deixa de ver o outro como ele e passa a encará-lo como um tu, que permite conhecê-lo e participar da sua vida. Já, o amor a partir da concepção subjetivista conduz ao desespero, pois não permite a intuição ou conhecimento verdadeiro do outro. Desde modo, amor que faz o homem superar a tentação de se fechar em si mesmo e o salva de um esvaziamento existencial empírico. Supera todo utilitarismo possível e abre vias para uma vida esperançosa. Tira o homem de uma vida subjetiva, egocêntrica e o leva, a uma vida intersubjetiva, em comunhão. Com isto, pode-se dizer que nada está perdido para quem está aberto ao outro, para quem vive um grande amor, uma verdadeira amizade. Vale dizer, que somente onde há esse amor, é possível falar de esperança, porque esse amor é incorporado em uma realidade que sem ele não seria o que é (Marcel, 2005).

Não se pode, portanto, separar a esperança do amor, "um Ser sem amor, segundo Marcel, não pode ter esperança" (Zilles, 1995, p. 107). Desde modo, não é o eu egocêntrico e solitário que se coloca à esperança, mas é esta que se apresenta com o tu, com o qual ele se põe em relação de comunhão e amor, pois quando "duas pessoas se amam, vivem um 'nós', e uma crê no amor da outra. Essencialmente unida ao amor, a esperança pode ser expressa como um Eu creio em teu amor' (Marcel, 2005).

Enfim, para Marcel (2005), o amor é a plenitude da esperança pois somente pelo amor que se encontra o único meio de livrar-se do desespero, que se dá através da participação. Amar um ser é esperar dele algo indefinível, imprevisível. É, ao mesmo tempo, dar de alguma forma os meios para responder a esta espera. O amor e a esperança, em resumo, possibilitam ao homem superar o egocentrismo e o vazio existencial.

4 Considerações finais

Após a análise de algumas das categorias do pensamento de Gabriel Marcel, procuramos apresentar alguns conclusivas acerca do fenômeno da esperança no pensamento de Gabriel Marcel, tendo como base e ponto de partida a obra *Homo Viator*.

No primeiro capítulo, compreendemos que a vida de Gabriel Marcel, marcada sobretudo pela morte precoce de sua mãe, pela sua participação na primeira guerra mundial (que o levou a recusar o idealismo e a ser um crítico

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

do mesmo) e pela sua conversão ao catolicismo tem grande influência em sua vida, sendo impossível dissociar a vida da sua obra. Realizamos, também, uma análise geral sobre a filosofia da existência, onde percebemos alguns aspectos importantes que foram trabalhados por Marcel, tais como a existência concreta, a possibilidade, a angústia e o desespero.

No segundo capítulo, percebeu-se porque a filosofia de Marcel é chamada de filosofia concreta, pois se baseia na vida concreta e não em sistemas abstratos. Ao se perguntar sobre as questões concretas da existência, notou-se a clara distinção entre mistério e problema, sendo que mistério é tudo aquilo que envolve o sujeito, o ser; enquanto que os problemas se apresentam de forma externa ao ser, podendo ser resolvidos por meio de técnicas e métodos científicos. Marcel rompe com a tradição idealista e leva-nos a perceber que a existência humana se dá de forma encarnada. O indubitável deixa de ser o *cogito* e passa ser a existência concreta. O que importa para Marcel é o homem de carne e osso. Nesta perspectiva, o ser é encarnado no mundo, é uma presença, e no mundo se constitui como um *homo viator,* isto é, um peregrino que vai se constituindo conforme as possibilidades e experiências que vivencia concretamente. Assim, ele está em constante movimento e comunhão, pois o *homo viator* não é solitário, mas participa do mundo como 'co-presença', ou seja, com outros seres. A intersubjetividade, deste modo, ganha um papel fundamental na sua filosofia, pois, a partir da abertura ao outro, eu deixo de o tratar como terceira pessoa e passo a vê-lo como um tu. Tratar o outro como tu, no pensamento de Marcel, impede que eu o objetive e faz com que eu o acolha como pessoal e participe da sua vida.

No terceiro e último capítulo, constatou-se que a esperança surge no âmago do ser que está aberto ao transcendente. Assim, a esperança se apresenta na vida concreta do homem, mas exige uma transcendência, pois sem esta dimensão não poderíamos entender o fenômeno da esperança. Deste modo, Marcel supera a angústia e o nada dos outros existencialistas, principalmente por não deixar a vida se afundar no desespero, oferecer uma real resposta ao ser, com a esperança e a abertura ao absoluto.

Para elucidar como se constitui o fenômeno da esperança, na compreensão de Marcel, discutimos primeiramente o que não é esperança, realizando uma diferenciação entre o desejo e o otimismo. Estes situam-se no âmbito dos problemas, depositando toda a sua confiança na técnica e na ciência e, consequentemente, caminham na perspectiva do desespero, enquanto a esperança está situada no âmbito dos mistérios, que transcendem a técnica.

Gabriel Marcel, propõe-nos que na base da esperança há uma situação que nos convida a nos desesperamos e que no desespero o homem encontra a sua impotência do ser. Contudo, o autor nos conduz à percepção de que a esperança traz consigo a confiança, uma certeza de que tem razões para viver em meio ao desespero, as angústias e incertezas do mundo, fundamentados na técnica e na ciência.

Por fim, somos convidados a acreditar que a plenitude da esperança se dá no amor, onde a existência é marcada pela intersubjetividade, isto é, participação e comunhão, que supera todo utilitarismo e abre vias para a esperança. A saber, o amor e a esperança possibilitam ao homem superar o egocentrismo e o vazio existencial, e construir relações humanas formativas e saudáveis.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-18 / e.77933

Referências

ALCORLO, Juan. Presentación. In.: Marcel. Gabriel. *Homo Viator: Prolegómenos a una metafísica de la esperanza*. Tradução de Maria José de Torres. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

AZEVEDO, José André de. O que significa filosofar concretamente? In: SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da. *Encarnação e transcendência: Gabriel Marcel, 40 anos depois*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

AZEVEDO, José André de. A Filosofia da Esperança segundo Gabriel Marcel. In: *Filosofia contemporânea: Arte, Ciências Humanas, Educação e Religião*. Organização de Marcelo Ca Carvalho, Vinicius Figueiredo. São Paulo: ANPOF, 2013, p. 106-113. https://anpof.org.br/wlib/arqs/publicacoes/79.pdf

AZEVEDO, José André de. *O Mistério da Encarnação em Gabriel Marcel*. Argumentos, Ano 2, N°. 4, 106-113, 2010. https://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18978/29697

BEATO, José Manuel. O tempo da esperança em Gabriel Marcel e Vladimir Jankélévitch. In: Silva, Claudinei Aparecido de Freitas da. *Encarnação e transcendência: Gabriel Marcel, 40 anos depois*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

BEATO, José Manuel. *Do desejo à esperança: tempo e intersubjetividade em Gabriel Marcel*. 2015. Disponível em < https://horizontesdecompromiso.files.wordpress.com/2013/06/0221.pdf>.

BECKER, Julci Stefano. *Gabriel Marcel e a formação na perspectiva do ser*. Dissertação de Mestrado (UNIJUÍ). Ijuí: 2007.

CARMONA, Feliciano Blazquez. *La filosofía de Gabriel Marcel: De la dialéctica a la invocación*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1988.

CARVALHO, Genival Oliveira. *A esperança no Tu absoluto como fonte suprema de consistência e sentido da vida na filosofia de Gabriel Marcel*. Tese de Doutorado orientado por Prof. Dr. José J. Queiroz (PUCSP). São Paulo: 2017.

CARVALHO, Rafael das Neves. *A fundamentação metafísica da esperança*. Disponível em <http://www.clubedeautores.com.br/book/30385--A_Esperanca_em_Gabriel_Marcel>.

GIDARDI, Leopoldo Justino. *O ser do valor: perspectivas de Gabriel Marcel*. Porto Alegre: Nilton Rocha de Souza Editor, 1978.

LEVINAS, Emmanuel. *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger*. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MARCEL, Gabriel. *Être et Avoir*. Paris: Aubier-Montaigne, 1935.

MARCEL, Gabriel. El *misterio del ser.* Buenos Aires: Editorial Sudamericana, [ca. 1953].

MARCEL, Gabriel. *Diario metafísico*. Buenos Aires: Losada, 1957.

MARCEL, Gabriel. *Filosofía Concreta.* Madrid: Revista de Occidente, 1959.

MARCEL, Gabriel. *Homo Viator: Prolegómenos a una metafísica de la esperanza*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

MARCEL, Gabriel. *Os homens contra o homem*. Toledo, PR: EDUNIOESTE, 2023.

PERETTI, Clélia; Azevedo, José André de; Fernandes, Marcio Luiz. *Da existência ao ser: intersubjetividade em Gabriel Marcel.* Disponível em < https://seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/viewFile/6192/4686>.

SANABRIA, José Rubén. Gabriel Marcel, filósofo de la interioridad, del amor y del absoluto. Espíritu: cuadernos del instituto Filosófico de Balmesiana. n. 45, p.143-158, ano 46. 1997. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5520993>.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução e notas de Vergílio Ferreira. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o Existencialismo*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.